

Desafios e Soluções da Sociologia

Willian Douglas Guilherme
(Organizador)



Willian Douglas Guilherme
(Organizador)

Desafios e Soluções da Sociologia

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Rafael Sandrini Filho
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.ª Dr.ª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
D441	Desafios e soluções da sociologia [recurso eletrônico] / Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Desafios e soluções da sociologia; v. 1) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web ISBN 978-85-7247-425-2 DOI 10.22533/at.ed.252192506 1. Sociologia – Pesquisa – Brasil. I. Guilherme, Willian Douglas. II. Série. CDD 301
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O livro “Desafios e Soluções da Sociologia” foi dividido em 2 Volumes, totalizando 42 artigos de pesquisadores de diversas instituições de ensino superior do Brasil. O objetivo da organização deste livro foi o de reunir pesquisas voltadas aos desafios atuais da Sociologia, assim como apresentar possíveis soluções para estes desafios.

O Volume 1 foi dividido em duas partes denominadas “Desafios da Sociologia”. Na Parte 1, são 11 artigos que discutem questões como a representação feminina e masculina, política LGBT, assédio moral e violência familiar. E na Parte 2, são 9 artigos que apresentam desafios à Sociologia por meio de discussões de temas como abuso sexual, masculinidades e racismo.

No Volume 2, os artigos foram agrupados em torno de duas partes denominadas “Soluções da Sociologia”. Na Parte 1, são 13 artigos e as temáticas giram em torno da economia criativa, cidadania, meio ambiente, educação, tecnologia e literatura. E na Parte 2, os 9 artigos discutem temas como autoajuda, quilombo, identidade cultural e valorização profissional.

Entregamos ao leitor o Volume 1 do livro “Desafios e Soluções da Sociologia”, e a intenção é divulgar o conhecimento científico e cooperar com a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Boa leitura!

Willian Douglas Guilherme

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
“AS ARTIMANHAS DA EXCLUSÃO” NAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE MULHER CIGANA ENTRE BRASILEIROS E ITALIANOS	
Mariana Bonomo Giannino Melotti Monica Pivetti	
DOI 10.22533/at.ed.2521925061	
CAPÍTULO 2	13
ESCOLA EM DISPUTA: EDUCAÇÃO LIBERTADORA OU EDUCAÇÃO CONSERVADORA?	
Camila Zucon Ramos de Siqueira Siqueira Frederico Alves Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.2521925062	
CAPÍTULO 3	28
“A GENTE SABE QUANDO DÁ PRA FALAR E QUANDO NÃO DÁ”: MEDO, SEGREGAÇÃO E SILENCIAMENTOS NA EXPERIÊNCIA DE MULHERES EM REGIÕES PERIFÉRICAS	
Maria Izabel Machado Marcelo Bordin	
DOI 10.22533/at.ed.2521925063	
CAPÍTULO 4	45
A REPRESENTAÇÃO DAS PERSONAGENS FEMININAS NA TRILOGIA <i>ÓPERA DOS MORTOS, LUCAS PROCÓPIO E UM CAVALHEIRO DE ANTIGAMENTE</i>	
Ivonete Dias Marcos Hidemi de Lima	
DOI 10.22533/at.ed.2521925064	
CAPÍTULO 5	54
A VIVÊNCIA FEMININA NA CIDADE: PROCESSOS EDUCATIVOS PARA A EMANCIPAÇÃO DA MULHER	
Maria Vitoria Silva Cardoso Rosângela Ribeiro da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.2521925065	
CAPÍTULO 6	65
LGBTTIFOBIA E RE(VE)LAÇÕES UNIVERSITÁRIAS: O PROCESSO DE FORMAÇÃO NOS CURSOS DA ÁREA DA SAÚDE E A POLÍTICA LGBT	
Claudio Leão de Almeida Junior Danielle Jardim Barreto Fernanda Gracielle Aguiar Zonta	
DOI 10.22533/at.ed.2521925066	
CAPÍTULO 7	76
MASCULINIDADES VIOLENTAS: LEGITIMAÇÃO E NORMATIVIDADE	
Kety Carla De March	
DOI 10.22533/at.ed.2521925067	

CAPÍTULO 8 85

NAS TESSITURAS DO CORPO E DAS SEXUALIDADES EM CLARICE LISPECTOR E MICHEL FOUCAULT: UMA APRECIÇÃO CRÍTICA DO LIVRO “A VIA CRUCIS DO CORPO”

[Danila Faria Berto](#)

DOI 10.22533/at.ed.2521925068

CAPÍTULO 9 95

O ASSÉDIO MORAL NO NOVO ESPÍRITO DO CAPITALISMO: DISCURSO DE MOBILIZAÇÃO E PRÁTICA PREDATÓRIA

[Igor Assoni Monteiro da Silva](#)

[Marilane Carneiro Di Mario](#)

[Mário Lopes Amorim](#)

DOI 10.22533/at.ed.2521925069

CAPÍTULO 10 108

O QUE PENSAM AS MULHERES SOBRE ‘SEXO E AS NEGAS’

[Daniela Rocha Drummond](#)

[Nelson Rosário de Souza](#)

DOI 10.22533/at.ed.25219250610

CAPÍTULO 11 123

VIOLÊNCIA NO ÂMBITO FAMILIAR: UMA ANÁLISE ACERCA DA RELAÇÃO ENTRE A VIOLAÇÃO DE DIREITOS NA INFÂNCIA E A VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES ATENDIDAS PELO NÚCLEO DE ESTUDOS E DEFESA DOS DIREITOS DA INFÂNCIA E JUVENTUDE – NEDDIJ - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ – UNIOESTE – CAMPUS DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON.

[Amanda Beatriz Louris](#)

[Carla Liliane Waldow Esquivel](#)

[Elizângela Treméa](#)

[Francieli Pinheiro](#)

DOI 10.22533/at.ed.25219250611

CAPÍTULO 12 133

A CONSTRUÇÃO DO HERÓI CHE E AS MASCULINIDADES EM CUBA: CONSTITUINDO UM OBJETO DE PESQUISA

[Andréa Mazurok Schactae](#)

DOI 10.22533/at.ed.25219250612

CAPÍTULO 13 146

ABUSO SEXUAL COM CRIANÇAS E ADOLESCENTES: UMA ANÁLISE DE PROJETOS DE ENFRENTAMENTO NO PARANÁ

[Bruna Regina Battisti](#)

[Francieli do Rocio de Campos](#)

DOI 10.22533/at.ed.25219250613

CAPÍTULO 14 154

BUNDA, CULTURA NACIONAL E MISTIÇAGEM NO BRASIL

[Ana Paula Garcia Boscatti](#)

[Joana Maria Pedro](#)

DOI 10.22533/at.ed.25219250614

CAPÍTULO 15	166
DISCUSSÕES SOBRE IDENTIDADE RELIGIOSA: O CASO DOS PEREGRINOS	
Marcelo Pereira Souza Marcelo Alário Ennes Alessandra Rodeiro Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.25219250615	
CAPÍTULO 16	182
ENVIOS DE MEMÓRIA EM ELIDA TESSLER	
Isabela Magalhães Bosi	
DOI 10.22533/at.ed.25219250616	
CAPÍTULO 17	188
HERANÇA AFRICANA E MEMÓRIA DA ESCRAVIDÃO: PATRIMÔNIO, ESPAÇO E DINÂMICAS POLÍTICAS NA ZONA PORTUÁRIA DO RIO DE JANEIRO	
Hannah da Cunha Tenório Cavalcanti	
DOI 10.22533/at.ed.25219250617	
CAPÍTULO 18	205
MEMÓRIA, SILÊNCIO, ESQUECIMENTO E TURISMO	
Raniery Silva Guedes de Araujo Karla Estelita Godoy	
DOI 10.22533/at.ed.25219250618	
CAPÍTULO 19	212
PIADAS CONTRA NEGROS: VIOLÊNCIA EM FORMA DE HUMOR JOKES AGAINST BLACK PEOPLE: VIOLENCE AS HUMOR	
Paulo Sérgio de Proença	
DOI 10.22533/at.ed.25219250619	
CAPÍTULO 20	225
QUEM E COMO SE DEFINE O ÉTNICO NA AUTO IDENTIFICAÇÃO “ÉTNICO RACIAL”?: DILEMAS DAS COTAS PARA NEGROS NAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS.	
Marcos Silva da Silveira	
DOI 10.22533/at.ed.25219250620	
SOBRE O ORGANIZADOR	238

NAS TESSITURAS DO CORPO E DAS SEXUALIDADES EM CLARICE LISPECTOR E MICHEL FOUCAULT: UMA APRECIÇÃO CRÍTICA DO LIVRO “A VIA CRUCIS DO CORPO”

Danila Faria Berto

UNESP – Universidade Júlio de Mesquita Filho –
campus de Marília
Marília/ SP

IN THE TISSUES OF THE BODY AND
SEXUALITIES IN CLARICE LISPECTOR
AND MICHEL FOUCAULT: A CRITICAL
APPRECIATION OF THE BOOK “THE VIA
CRUCIS DE CORPO”

RESUMO: A pesquisa dialoga com o livro de Clarice Lispector, *A via crucis do corpo* (1974) e com a teoria de Michel Foucault. Os autores concebem a sexualidade como forma de constituição do sujeito moderno, evidenciada e transformada em discurso no campo do exercício do poder. De um lado temos corpos de sujeitos governáveis a partir de uma constante produção de verdade e uma atitude de obediência dos mesmos, sob técnicas e práticas que atuam sob esses, regularizando e normalizando comportamentos. Por outro, vemos na autora a busca em representar sexualidades que, ainda que suas relações de poder e saber as compõe, aceitam o desafio e a coragem de ultrapassar o que lhes é determinado, assumindo um novo ethos como prática de liberdade, possibilitando a criação de novas formas de subjetividade, menos sujeitadas. O objetivo é a busca da compreensão sobre como a autora problematiza a questão do corpo e da sexualidade, com personagens resistentes à normalidade de uma ordem heteronormativa.

PALAVRAS-CHAVE: Corpo, Sexualidade, Subjetividades, Foucault, Clarice Lispector.

ABSTRACT: The research dialogues with the book of Clarice Lispector, *Via crucis do corpo* (1974) and Michel Foucault's theory. The authors conceive of sexuality as a form of constitution of the modern subject, evidenced and transformed into discourse in the field of the exercise of power. On the one hand we have bodies of governable subjects, based on a constant production of truth and an attitude of obedience, under the techniques and practices that operate under them, regulating and normalizing behaviors. On the other hand, we see in the author the search to represent sexualities that, although their relations of power and knowledge compose them, accept the challenge and the courage to surpass what is determined to them, assuming a new ethos like practice of freedom, allowing the creation of new forms of subjectivity, less subject. The objective is the search of the understanding about how the author problematizes the question of the body and sexuality, with characters resistant to

the normality of a heteronormative order.

KEYWORDS: Body, Sexuality, Subjectivities, Foucault, Clarice Lispector.

1 | INTRODUÇÃO

O que somos nós diz respeito intrinsecamente à forma como nos representamos no mundo. E esse representar-se no mundo está interligado com a forma como compomos nosso corpo. Mas que corpo é esse que trabalha, que se alimenta, que obedece, que resiste e transgride? Que corpo é esse que se torna belo, que ocupa um espaço, que ama e reage, que mata e morre?

Esse corpo não é o mesmo em todos os lugares e se modifica em cada época histórica. A cada sociedade há também uma forma de se conceber esse corpo, e mais, sobre ele incide tecnologias e poder. Sendo assim, o corpo torna-se objeto de análise para compreensão do que fazemos de nós, a partir da sua constituição.

Mudanças sociais ocorridas entre o século XVII e o século XVIII levaram às alterações no jogo do poder que, foi sendo gradativamente substituído pelo que Foucault (1975) nomeou de sociedades disciplinares que coloca o corpo como objeto a ser observado, manipulado e controlado. Observando a formação desta sociedade percebe-se que esta é fundamentada nas grandes instituições de confinamento (família, escola, prisão, fábrica, hospital).

Esse poder disciplina corpos e comportamentos, bem como produz uma série de saberes sobre os mesmos. Os indivíduos são esquadrihados enquanto indivíduos e enquanto espécies. Porém, nosso corpo é nossa representatividade no mundo. Com ele nos expressamos e dizemos quem somos. É através da forma como concebemos o corpo e sua composição que nos é possível percebermos enquanto sujeitos, aquilo que nos diferencia uns dos outros e assim, é possível também, sob a problematização do corpo, a partir de processos de subjetivação, encontrar na sexualidade suas liberdades e resistências.

A partir de uma leitura crítica do livro de Clarice Lispector, *A via crucis do corpo* (1974- 1998), procurou-se enxergar como essas sexualidades produzem suas subjetividades em meio aos jogos de poder-saber-resistência.

2 | PENSANDO A SEXUALIDADE EM FOUCAULT

A noção de sujeito no pensamento foucaultiano tem seu diferencial, pois rompe com o referencial utilizado pela tradição filosófica, rejeitando a noção de sujeito transcendental e de seu papel unificador dos enunciados como discursos de verdade. Para Foucault, não há sujeito como fundador, agente de enunciação de verdade. O sujeito não é portador de uma essência nem possui caráter universal, pois não há uma verdade oculta, uma origem a ser buscada.

Dessa forma, Foucault problematiza a ideia de sujeito, pressupondo que este

não é um dado, mas que se constitui nas relações de poder e nos procedimentos de verdade, ou seja, por meio de práticas de assujeitamento e práticas de liberdade. Assim, ele percebe, ao fazer a análise dessa constituição que se dá sob diferentes formas (práticas, técnicas, linguagens e discursos), que o sujeito é historicamente formado, constituindo um tipo específico de indivíduo, e é somente neste aspecto que o tema do sujeito interessa a Foucault.

Ele rejeita as tentativas de encontrar um fundamento universal tanto para o pensamento quanto para o ser. O sujeito, para Foucault, é produzido, sujeitado e normalizado. (NASCIMENTO, 1999, p.17/18).

Mas como nos tornarmos sujeitos de nós mesmos? Em seus estudos sobre as formas de constituição do indivíduo moderno, Foucault esclarece que elas se constituem sob dois processos que acontecem simultaneamente: a objetivação e a subjetivação, e analisa as implicações entre as formações do saber, os exercícios de poder e as diferentes formas de produção de subjetividade numa história do presente. Em suas obras encontramos estudos sobre os domínios nos quais os sujeitos se constituem: o poder, o saber e a ética, ou seja, as relações com os outros, com a verdade e consigo mesmo.

Foucault compreende que nestes domínios se exercem práticas de dominação (objetivação) e práticas de liberdade (subjetivação), onde as escolhas são possíveis, porém têm como pano de fundo o sistema, os jogos de verdade e os dispositivos de poder, por isso compreendendo que esses domínios não são destoantes, mas complementares.

Assim, para nosso autor, a ideia de sujeito é dual, sujeito é aquele sujeitado à alguém pelas técnicas de controle (objetivação) e também aquele preso a sua própria identidade por uma consciência de si (subjetivação).

Esse é um processo de mão dupla. Estamos inseridos numa sociedade disciplinar onde as tramas do poder se incidem sobre nós. Mas estamos nos referindo a uma concepção de poder a partir de leituras foucaultianas, onde esse poder se configura para além do Estado e sua noção jurídica de poder, contrapondo esta abordagem jurídica com a perspectiva analítica e microfísica. “Isso significa dizer que o poder não tem identidade. Não poderíamos localizar sua figura em instituições (...) Ele não é uno (...), mas efeito de multiplicidade de forças...” (ESCOBAR, 1985, p. 210).

Esse poder teria como objeto essencial de ação (mas não o único) o corpo dos indivíduos e age sobre esses corpos, investindo progressivamente para toda a sociedade, de modo tão intrínseco que os próprios sujeitos o incorporam e exercem-no, sobre si e sobre os outros, uma vez que este poder emana de todos os lugares.

Dessa forma, o poder tem função específica: o disciplinamento dos sujeitos a partir de um sistema que fabricasse corpos dóceis, submissos e produtivos, através de mecanismos que permitissem o controle, a vigilância incessante. Há assim, um saber sobre o corpo e um controle sobre suas forças, corpo esse orgânico.

Se o sujeito em si é um domínio que produz saber, ainda maior o é quando se

encontra em um corpo social. Foucault preocupou-se também em identificar este outro poder, diferente e complemento do poder disciplinar, chamado biopoder.

Esse poder é aplicado, não ao corpo individual dos sujeitos, mas este sendo visto como elemento de uma massa social. O biopoder seria a técnica de regulação social, de normalização dessa corporeidade, em relação ao conceito de espécie. Temos, então, um novo personagem: a população. A biopolítica lida com essa população, como um novo corpo, com infinitas peças a serem conhecidas e compreendidas.

(...) a disciplina tenta reger a multiplicidade dos homens na medida em que esta multiplicidade pode e deve redundar em corpos individuais, que devem ser vigiados, treinados, utilizados, eventualmente punidos. E, depois, a nova tecnologia que se instala se dirige à multiplicidade dos homens, não na medida em que eles se resumem em corpos, mas na medida em que ela forma, ao contrário, uma massa global, afetada por processos de conjunto que são próprios da vida, que são processos como nascimento, a morte, a produção, a doenças, etc. (FOUCAULT, 1999, p. 06).

Um poder centrado na vida necessita de mecanismos contínuos e corretivos. As normas possibilitam a classificação e o controle sistemático das anomalias no corpo social. “Ao identificar cientificamente as anomalias, as tecnologias do biopoder estão na posição perfeita para supervisioná-las e administrá-las.” (RABINOW; DREYFUS, 1995, p. 214).

Foucault, em seus estudos sobre a sexualidade, apresentou a discussão sobre o sexo como um dispositivo que conduziria à articulação entre ambos os poderes – biopoder e poder disciplinar – fazendo, o sexo, parte das disciplinas a partir das condições que oferecem para o adestramento do corpo e sua incessante vigilância, e da mesma forma, permitindo uma regulação das populações, a partir de estatísticas e dados, que possibilitam intervenções no corpo social.

A partir de um jogo de verdades sobre o sexo, domínio esse a partir da linguagem, constitui-se o que Foucault trata no volume I da História da sexualidade: A vontade de saber, uma *scientia sexualis* - uma ciência sobre a sexualidade. Esse dispositivo de sexualidade engendra um domínio, um controle sobre os corpos. “O dispositivo de sexualidade tem, como razão de ser, não o reproduzir, mas o proliferar, inovar, anexar, inventar, penetrar nos corpos de maneira cada vez mais detalhada e controlar as populações de modo cada vez mais global.” (FOUCAULT, 1975, p. 101).

Ao se deixar falar sobre o sexo, ou melhor, ao estimular uma fala sexual, são abertos caminhos para novos conhecimentos, para um saber, não só individual, mas coletivo e, ao mesmo tempo, se produz também comportamentos adequados, rotulando práticas, anunciando perigos, fixando sexualidades.

Ao invés da sexualidade ser guardada ao silêncio, ela é posta em evidência: a sexualidade é transformada em discurso no campo do exercício do poder, ela agora é um dispositivo desse poder disciplinar e seu discurso racionalizado funciona em diferentes instituições (escolas, hospitais, família, etc).

Mais do que repressões, há um imenso saber que sobre ela se desenvolve

e assim a sexualidade pode ser regulada e normalizada, pois a partir dessas discursividades ela é prescrita e circunscrita pelo poder, que tem como resultado uma economia biopolítica que observa, regula e administra as sexualidades da população, em especial, as periféricas. Sendo assim, é preciso compreender a sexualidade como um dispositivo das disciplinas do corpo e também como regulação das populações.

(...) a sexualidade foi esmiuçada em cada existência, nos seus mínimos detalhes; foi desencavada nas condutas, perseguida nos sonhos, suspeitadas por trás das mínimas loucuras, seguida até os primeiros anos da infância; tornou-se a chave da individualidade: ao mesmo tempo que permite analisá-las e o que torna possível constituí-la. Mas vêmo-la também tornar-se tema de operações políticas, de intervenções econômicas (por meio de incitações ou freios à procriação), de campanhas ideológicas de moralização ou de responsabilização: é empregada com índice da força de uma sociedade, revelando tanto sua energia política como seu vigor biológico. De um pólo a outro dessa tecnologia do sexo, escalona-se toda uma série de táticas diversas que combinam, em proporções variadas, o objetivo da disciplina do corpo e o da regulação das populações. (FOUCAULT, 2012, p. 159)

O sexo pode ser visto, assim, como acesso à vida do corpo (e seu disciplinamento) e vida da espécie (sua regulação e normalização) e, tanto de um a outro, encontramos táticas e dispositivos diversos.

É a partir dessa leitura biopolítica que podemos inserir os estudos sobre a sexualidade no mundo atual, onde há todo um aparato de poder que visa a classificação desses corpos, procurando a todo custo emoldurá-los para que se encaixem em papéis e perfis predeterminados.

Por outro lado, Foucault nos presenteia com uma concepção de sujeito que produz subjetividades e usa exemplos da cultura antiga, onde é possível encontrarmos testemunhos da importância dada a um ocupar-se de si, associada à preocupação com um conhecimento sobre si mesmo. Esse cuidado de si (*epiméleia heautoû* – ocupar-se de si) era uma forma de atividade, não somente como uma atenção sobre si mesmo, mas uma ocupação regulada.

Fazer a experiência de si não significa ir à busca do verdadeiro eu como se este pudesse ser totalmente livre de qualquer objetivação. O sujeito, para Foucault, vive na tensão entre os dois pontos, aquele que o objetiva e aquele em que ele se reconhece a si mesmo. Ao fazer a crítica aos fundamentos de uma moral universal e normativa, o autor pensa a questão da constituição do sujeito e de sua subjetividade.

Assim, compreende-se a sexualidade como construção que se dá por práticas, discursivas ou não, subjetivadas num terreno ocupado e vigiado, sob formas que não são necessariamente repressivas, mas ao contrário, são sutis e imperceptíveis, que agem e governam com o nosso consentimento.

Nossa sexualidade vai além das práticas coercitivas e dá visibilidade àquelas práticas de formação do sujeito, um modo de relação que o sujeito mantém consigo mesmo, como esse se constitui em sujeito de suas próprias ações.

Na medida em que os indivíduos legitimam as verdades produzidas sobre seus 'eus', acabam se vendo e se enquadrando a si próprios segundo a lógica da governamentalidade. É o que Foucault chama de 'experiência de si': a correlação, numa cultura, entre campos de saber, tipos de normatividade e formas de subjetividade. (Nascimento, 1999, p. 91)

A partir da prática da confissão sobre a sexualidade, um mecanismo da tecnologia do eu, explícitas em *A história da sexualidade*, volume I – *A vontade de saber*, Foucault percebeu que quando se dizia a verdade sobre si mesmo, o sujeito, ao mesmo tempo em que conhecia a si mesmo, tornava-se também exposto aos outros, num entrecruzamento dos discursos que definem as nossas verdades sobre nós mesmos e a nossa subjetividade.

Assim, a sexualidade, que é historicamente constituída, diz respeito ao indivíduo que se auto observa, se interpreta e julga, que constrói e reconstrói sua sexualidade perante a si próprio, ou seja, suas práticas consigo mesmo, que não são práticas neutras, mas fazem parte de um conjunto articulado do que se concebe como sujeito.

Toda vida é uma forma que se constitui pela sexualidade, mas Foucault, ao evocar a ideia de vida a partir de uma perspectiva estética, constituída como uma obra de arte, confere a essa forma um estilo à existência.

É a possibilidade de percebermos que o sujeito, apesar de constituído e modificado pelos eixos do poder e do saber, tem condições de questionar seus limites, que são incertos, percebendo o quanto a construção de nossa sexualidade tem sido arbitrária naquilo que nos tem sido ensinado como necessário, universal e obrigatório. E é a partir da percepção e enfraquecimento dessas tênues fronteiras, e do que se é possível transpor e transformar, que a liberdade tem condições de existir.

3 | CLARICE LISPECTOR E O CONFLITO DA SEXUALIDADE

Esclarecidas nossas fundamentações teóricas, o artigo tem o objetivo de articular uma discussão entre a leitura de um livro de Clarice Lispector, *A via crucis do corpo* com a questão proposta por Foucault sobre a sexualidade enquanto resultado de processos de objetivação e subjetivação.

Esse livro "*A via crucis do corpo*" foi publicado em 1974 pela Editora Artenova. Tal obra em questão aponta contos e histórias curtas que tem como ponto central a questão do corpo e suas relações com a necessidade da carne e do sexo, ou o que seria compreendido, como um livro de contos eróticos por se tratar de certo modismo da época (FRANCONI, 1997). As leituras críticas sobre essa publicação pautaram-se não somente pelo nome, já reconhecido, da autora, mas por alguns parâmetros específicos.

Este livro foi recebido pela crítica e público como obra marginal da produção clariciana, considerado como "obra menor", "um desvio" ou até mesmo "lixo" (REGUERA, 2006), quando comparado às demais publicações da autora, uma vez

que os textos da fortuna crítica de Clarice já induziam a uma leitura e avaliação muito próprias de suas obras. Tal livro em questão aponta contos e histórias curtas que tem como ponto central a questão do corpo e suas relações com a necessidade da carne e do sexo, ou o que seria compreendido, como um livro de contos eróticos por se tratar de certo modismo da época (FRANCONI, 1997).

Alguns autores (VIEIRA, 1989; REGUERA, 2006) acreditam que o número de contos do livro (quatorze ao total) faz alusão as quatorze etapas, mais comumente chamadas de estações que fazem parte da via sacra de Cristo, que carregou sua cruz até o calvário e a relação com o seu corpo crucificado. Via Crucis seria um difícil caminho a ser percorrido, como a própria autora deixa claro que foi a produção desse livro, numa escrita que também foi julgada e crucificada.

A paixão de Cristo se dá a partir do corpo, numa referência ao que Foucault faz ao corpo-espetáculo em *Vigiar e punir* (1975). Na emblemática transfiguração de Cristo o corpo tem lugar central: pelo corpo se vive, por ele passa pelos percalços da Via Crucis para morrer e ressuscitar. Nos contos da autora, a via sacra também se dá pelo corpo e por suas sexualidades, que serão ou não crucificadas em cada um de seus finais, numa relação com as etapas que também suas personagens passam em busca de suas identidades.

Nesses contos o personagem principal é o corpo, em toda sua plenitude e vicissitudes, em sua truculência e fome erótica. Uma vez que o corpo é o centro de todas as narrativas, a linguagem utilizada é mais próxima da realista do que da poética, como a nos lembrar do corpo com sua crueza e nudez, ou nas palavras de Waldman (1992): “Como o gênero (conto) pede uma economia máxima, não há espaço para digressões filosóficas e o resultado mostra-se então enxuto, direto, tenso e intenso” (p. 107).

Clarice possibilita, a partir da escrita desses contos, uma análise desses corpos dóceis, a partir da narrativa de suas personagens que, da relação de forças entre o poder disciplinar/biopolítico e a subjetividade, encontram novas formas de conceber esses corpos, um corpo que não é mais só físico, mas espaço de experiências subjetivadas.

Assim, o corpo é compreendido como lugar de encontro com o mundo e percebido em suas necessidades e manifestações: a alimentação, a sexualidade. Esse novo olhar que as personagens tem sobre si mesmas e sobre seu corpo abre caminho para a descoberta de um novo sujeito que se constitui.

Todos os contos possuem como personagens principais mulheres, ainda que sob diversas e tão diferentes condições, sejam elas moças, idosas ou senhoras, casadas ou solteiras, homossexuais, transexuais e freiras, de forma a representar a “via crucis” na busca pelas identidades e suas relações com o sexo e a sexualidade, a maneira de verem-se através do corpo, a forma de amarem e de sentirem dor, a gravidez e o aborto, as confidências, os segredos, as solidões e as esperas, a virgindade, a masturbação e as traições, a vingança e a culpa, o estupro, a prostituição e até mesmo

a morte.

(...) a referência ao corpo, a um corpo de mulher, é o fio temático que subjaz a todas as narrativas e será esse motif por meio do qual ela promoverá alguns de seus mais vigorosos relatos sobre os papéis desempenhados pelas mulheres na sociedade. (VIEIRA, 1989, p.74)

Refletindo sobre a questão da sexualidade, bastante presente nesse livro, é possível pensar que a autora cumpre com a tradição discursiva e põe em evidência um discurso sobre a mesma. Ao prometer resguardo em relação ao tema (na introdução de *A via crucis do corpo* diz que é “assunto perigoso”) o coloca em discurso.

Porém, não é um discurso qualquer. É necessário questionar qual é o papel da produção discursiva de Clarice Lispector. Poder-se-ia dizer que a autora, ao discursar sobre as *sexualidades periféricas* (termo cunhado por Foucault em *A vontade de saber*, 2012, p.48), cumpre em fazer com que esse discurso produza saberes sobre elas para a normalização desses comportamentos. Mas o que se procura apresentar nesse artigo é que, ao dar voz a essas sexualidades “ilegítimas” representadas por suas personagens, Clarice Lispector oportuniza enxergar a possibilidade de uma produção de subjetividades.

Segundo Waldman (1992) “Clarice diz repetidas vezes, que deve ser entendida com o corpo, pois com ele escreve. Isso significa que sua escritura pende para o pólo da sensibilidade.” (p. 43). Diante disso, o que se percebe é a busca da autora em representar corpos que, para além de suas relações de poder e saber que os compõe, aceitam o desafio e a coragem de ultrapassar o que lhes é determinado, assumindo um novo ethos enquanto importante prática de liberdade, de modo a possibilitar a criação de novas formas de subjetividade, menos sujeitadas.

Assim, embora haja um poder que se incide sobre o corpo e o sujeita em gestos e comportamentos, numa relação de poder e saber sobre o mesmo, há também a produção de uma subjetividade, pois relações de poder e formas de subjetivação caminham lado a lado, de modo a nos levar à busca por respostas a essas perguntas: Como o corpo pode ser problematizado através de práticas de si que buscam produzir uma estética da existência? Como o uso do corpo pode levar o indivíduo a ser um sujeito ético?

Não se trata de escapar das relações de poder, mas de compreender que a ação de ser governado ou governar aos outros está diretamente ligado a um governo de si, como um contraponto ao assujeitamento e à obediência demasiada, de forma a se pensar em formas de resistências e práticas de liberdade, para além desse poder que governa e controla (BAMPI, 2002). De outro modo, há uma interação entre o governo dos outros e o governo de si, numa relação entre técnicas de disciplinarização e técnicas do eu.

Os estudos sobre os processos de subjetivação procuram pensar as práticas sociais que constituem o indivíduo moderno e cujo efeito é produzir, para o sujeito, um modelo identitário, expressando o resultado da constituição do indivíduo, face aos mecanismos de subjetivação, presentes na atualidade; indivíduo esse, preso

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foucault procurou analisar e descrever as diferentes tecnologias que vivenciamos para nos identificarmos e desempenharmos nossos papéis. Demonstrou que há uma multiplicidade de formas para nossas ações que são singulares para a formação das subjetividades. Essas práticas e tecnologias do eu são produtivas, pois se instauram para nos tornarem sujeitos modernos, cidadãos de uma sociedade disciplinar e capazes de um autogoverno.

O cuidado de si para os gregos, segundo Foucault, envolve o cuidado com o outro. O eu era tido como a alma e por isso cuidar de si era ocupar-se com a própria alma, tendo como finalidade qualificá-la a fim de poder governar os outros, a cidade. Para alguém cuidar do outro e conduzi-lo, primeiramente necessita demonstrar que pode conduzir-se, que reconhece os limites de sua prática.

É nesse enfoque de um cuidado com o outro que a sexualidade é um espaço de possibilidades de auto conhecimento e de produção de experiências de si. A sexualidade passa a estabelecer práticas de normalização dos seus indivíduos e práticas de um cuidado de si onde todos podem tornar-se sujeitos e podem fazer sua reflexão consigo mesmo.

Ao acreditar que a literatura é mais do que uma esfera da arte, mas uma espécie de pensamento transgressor, em Clarice há a apresentação de um corpo que se rebela desse disciplinamento biopolítico atual. Isso só seria possível a partir de um cuidado de si aos moldes foucaultianos (FOUCAULT, 2014a; 2014b), de modo a levar-nos a uma atitude crítica e a um pensamento que seja autêntico nessa sociedade, de modo a inventar-se enquanto sujeitos, como um sujeito criado da mesma forma que Clarice Lispector cria suas personagens que também se reinventam em suas problematizações.

Clarice dá ao corpo um novo status pela via da escrita, uma vez que não é mais receptáculo passivo de poderes, mas corpo ativo, que produz novas significações e experiências, dá-se voz a um corpo ativo e vivo.

É pela escrita da autora que se é possível debater a forma como o corpo é experienciado e recriado pela literatura, pois é nesse corpo encenado que a escrita clariciana ganha densidade a partir da narrativa que tornam o próprio corpo personagem principal e o sexo como manifestação de subjetividades.

É nessa escrita ficcional que o corpo ganha a voz que por vezes é ignorada no discurso científico, de modo que possibilite apontar caminhos de investigações poucos percebidos quando se trata de escutar ao corpo e suas subjetividades.

REFERÊNCIAS

- BAMPI, Lisete. Governo, subjetivação e resistência em Foucault. **Revista Educação e realidade**. Vol 27. Jan./jun 2002.
- CRUZ, Soraia G. F. Paiva. **A produção da subjetividade em grupo de crianças em situação de risco pessoal e social e adolescentes em conflito com a lei**. Marília: UNESP, 2001 (tese de doutorado).
- ESCOBAR, Antonius J. Vargas. Genealogia e política. In: RIBEIRO, Renato Janine. **Recordar Foucault**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.
- FRANCONI, Rodolfo A. **Erotismo e poder na ficção brasileira contemporânea**. São Paulo: Annablume, 1997.
- FOUCAUL, Michel. **Vigiar e punir – o nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1975.
- _____. **Microfísica do poder**. 14. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.
- _____. **História da sexualidade: A vontade de saber**. Vol. I. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2012.
- _____. **História da sexualidade: O uso dos prazeres**. Vol.2. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2014a.
- _____. **História da sexualidade: O cuidado de si**. Vol.3. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2014b.
- LISPECTOR, Clarice. **A via crucis do corpo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998 (1974).
- NASCIMENTO, Olga Ap. do. **A construção da subjetividade: um estudo a partir da genealogia de Michel Foucault**. Dissertação de mestrado. São Paulo: USP, 1999.
- RABINOW, Paul e DREYFUS, Hubert. **Michel Foucault – uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- REGUERA, Nilze Maria de A. **Clarice Lispector e a encenação da escritura em A via crucis do corpo**. São Paulo: Editora Unesp, 2006.
- VIEIRA, N. H. A linguagem espiritual de Clarice Lispector. **Revista Travessia**. Florianópolis, n.14, p. 81-95, 1º sem. 1989.
- WALDMAN, Berta. **Clarice Lispector: a paixão segundo C.L.** São Paulo: Escuta, 1992.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-425-2

